

Nós entre o Visível e o Invisível

We, between visible and invisible

CARLOS CORREIA*

Artigo completo submetido a 26 de Janeiro e aprovado a 31 de janeiro 2014.

* Portugal, artista visual. Licenciatura em Artes Plásticas — Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha (ESAD, CR). Mestrado em Artes Visuais/Intermédia — Universidade de Évora, Escola de Artes, Departamento de Artes Visuais e Design.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas-Artes; Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA) Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL) Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal. E-mail: corrcarlos@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta a obra do artista português Luis Paulo Costa. Ainda que o seu trabalho se manifeste maioritariamente através da pintura, a instalação e mesmo a escultura povoam, pontualmente, a sua produção artística. Independentemente do medium escolhido, a reflexão sobre a visibilidade e os diversos dispositivos a esta associados, são uma constante na sua obra.

Palavras chave: Pintura / visibilidade / dispositivo / espectador / técnica.

Abstract: *This article presents the work of Portuguese artist Luis Paulo Costa. Though his work manifests itself mostly through painting, installation and sculpture also populate, even occasionally, his artistic production. Regardless of the chosen medium, a reflection on visibility and the various devices associated to it are a constant in his work.*

Keywords: *Painting / visibility / device / beholder / technic.*

Introdução

O *itálico* do título fica a dever-se ao duplo sentido desempenhado aqui pela palavra *nós*: por um lado somos *nós*, os espectadores e por outro são os *nós* produzidos por algo que se cruza sem, contudo, se anular. Mostrar e esconder, baralhar e voltar a dar as cartas; e *nós* aqui, perante os *nós* que o visível e o invisível entre si vão tecendo.

O objectivo deste artigo é o de levantar um pouco o véu sobre a obra do artista português Luís Paulo Costa. Nascido em Abrantes em 1968, o artista vive e trabalha actualmente em Lisboa. Tem exposto com regularidade, individual e coletivamente, desde a segunda metade da década de 90 e o seu trabalho encontra-se representado em numerosas colecções públicas e privadas, em Portugal e no estrangeiro.

O trabalho deste artista tem vindo a manifestar-se maioritariamente sobre a forma de pintura, mas este não é o único medium pelo artista utilizado. Ainda assim, convém notar que, mesmo nas situações em que a obra de Luis Paulo Costa assume outros mediuns que não a pintura, esta continua a estar presente enquanto assunto de releção, enquanto presença conceptual, se preferirmos.

Pintura e dispositivos ópticos

Podemos então dizer que o trabalho de Luís Paulo Costa se centra, quase sempre e de formas diversas, em questões relacionadas com a visibilidade, sendo a pintura intitulada *Uma e Outra Vez* disto um exemplo (Figura 1). Mas dizer que um corpo de trabalho se centra sobre “questões relacionadas com a visibilidade”, é algo de muito vago. Reconhecendo isto, tentemos então lançar mais alguns dados; o trabalho de Luís Paulo Costa é sobre a visibilidade, perscruta os limites da representação pictórica e manifesta-se, quase sempre, enquanto pintura. Este “quase” parece ir em sentido contrário à busca de clareza a que este lançamento de dados se propôs, mas ele não surge sem um sentido preciso que no decorrer do artigo mostrará ao que veio.

Mas voltemos, para já, aos dispositivos ópticos e à sua representação, servindo-nos para tal reflexão a pintura que surge na Figura 1 e o video *Standing*, apresentado em 2006 numa exposição individual que o artista realizou na Galeria Cristina Guerra. Escolhemos estes dois trabalhos, pois se por um lado a questão da visibilidade está presente em ambas as obras, por outro essa mesma questão assume contornos suficientemente distintos nos dois casos. Pretendemos desta forma proporcionar uma aproximação à vastidão não só conceptual mas também formal que o assunto visibilidade assume na obra de Luis Paulo Costa.

Na Figura 1 temos uma pintura na qual surgem representados três filtros fotográficos. Estes objectos serão facilmente identificados, mesmo por quem apenas detenha conhecimentos básicos de fotografia. Ora, temos então que um conjunto de objectos que habitualmente servem para ajudar a ver de modo diferente, que normalmente desempenham um papel secundário na captação da imagem (não são o que vai ser captado pela máquina, nem tão pouco a máquina, ou seja, são simplesmente algo que introduz uma diferença, mas sem chegarem a ser essenciais para que a captação da imagem se realize), assumem



Figura 1 · Luís Paulo Costa. *Uma e Outra*
Vez. 2012. acrílico sobre impressão a jacto
de tinta sobre tela. 40 x 41 cm

aqui o papel principal. Se esta simples alteração de papeis seria já digna de nota e motivo para reflexão sobre uma vasta série de assuntos (por exemplo, a relação da pintura com a fotografia, o enaltecimento da banalidade através da sua representação pictórica ou mesmo o questionamento da pertinência da cisão figurativo/abstracto nos dias que correm — apesar de facilmente identificável, a imagem da Figura 1 não deixa de ser um conjunto composto pela sobreposição de três círculos, mais ou menos transparentes sobre um fundo cinzento), o facto de esta pintura ter sido realizada com recurso a uma técnica que — sem constituir uma novidade absoluta — de algum modo foge da norma, adensa ainda mais a teia conceptual que se esconde sobre a sua aparente simplicidade.

É que o artista não pintou sobre uma tela em branco, mas sim sobre a impressão da referida imagem numa tela. E fê-lo, para mais, sem que a sua intervenção manual tenha deixado um rasto visível. Para descortinar a presença da actividade manual do artista nesta obra — daquele gesto que, por mais discreto que seja, não deixa de inscrever uma nota de originalidade na tela, resgatando-a assim da banalidade inerente aos objectos produzidos industrialmente — o observador dela terá que se aproximar. Para abarcar tudo o que esta pintura encerra, não basta olhar; é preciso ver.

Passemos agora ao video *Standing*: num écran suspenso, o espectador vê tudo branco, como se nada se passasse, como se nada houvesse para ver; um visitante menos paciente ficaria provavelmente por aqui; mas depois de uma observação mais cuidada podemos perceber que o que o écran mostra é algo de muito sólido e concreto: nada menos do que a parede oposta ao projector que lança o vídeo. Uma vez que a parede é branca, assim é a sua imagem. Ao invés de ser o observador a questionar a obra, é antes a obra que interroga o espectador. O tempo empregue a olhar para a (imagem da) parede da galeria seria, provavelmente, empregue de outra forma se esta peça não estivesse entre o observador e a parede. Como diz Paul Virilio:

Behind the wall, I cannot see the poster; in front of the wall, the poster forces itself on me, its image perceives me. (Virilio, 1994: 62).

E o que têm em comum estes dois trabalhos? Precisamente a questão da visibilidade e da invisibilidade, suportada pelo aturado trabalho do artista que o leva à decisão sobre o que, em determinada obra, se dará a ver ao espectador e em que grau é que tal terá lugar. Neste video, para além das questões já referidas, temos ainda a proposta de uma ligação à imagem em movimento, ainda que no final esta possibilidade nos seja negada.



Figura 2 · Luís Paulo Costa. *See and See Not*.
2006. Fitas VHS. Dimensões variáveis.



Figura 3 · Luís Paulo Costa. *Fly Ring*. 2012.
Acrílico sobre impressão a jacto de tinta sobre
tela. 70 × 90 cm.

Uma outra obra que propõe o estabelecimento de uma relação do trabalho deste artista com a imagem em movimento sem que, contudo, esta se verifique de facto é a peça intitulada *See and See Not* (figura 2). Aqui Luis Paulo Costa amontuou uma significativa quantidade de fitas VHS e amontuou-as junto a uma das paredes da galeria.

Na dita parede podemos ainda ler o título da obra, escrito igualmente com fitas VHS. E onde se verifica aqui o nó que dá título a este artigo? Precisamente no facto de o artista dar a ver o que habitualmente não se vê numa cassete VHS: por um lado vemos a fita em toda a sua extensão; por outro, o artista garante que o que habitualmente se vê numa cassete VHS, não será aqui visto, pois as referidas fitas estão inutilizadas.

O pintor e o artista

Parece-nos que assim já temos mais alguma matéria para pensar, mas há ainda que esclarecer alguns aspectos respeitantes à prática pictórica de Luís Paulo Costa, clarificando, na medida do possível, que tipo de pintor é este artista. Como já dissemos, ainda que a sua obra se encontre invariavelmente em dívida para com a pintura, ela nem sempre assume a bidimensionalidade da tela ou do papel como suporte de eleição. Para mais, mesmo quando o faz, as medidas de segurança ou prevenção são variadas e rebuscadas.

Luis Paulo Costa encontra-se em permanente jogo com o espectador: quando produz objectos artísticos que se afastam da ideia clássica de pintura,

o espectador mais atento consegue descortinar as ligações que o artista silenciosamente teceu entre esses objectos e a pintura; quando produz pintura que, num primeiro olhar, não deixa margem para dúvidas quanto à sua natureza, o espectador mais demorado encontrará indícios de que essas pinturas, não deixando de o ser, se encontram repletas de armadilhas não só conceptuais, como também formais.

Posto isto, devemos então afirmar que Luis Paulo Costa é um pintor que também produz obras que não são pinturas ou deveremos antes dizer que se trata de um artista que também pinta? Provavelmente, estas definições não serão o mais relevante para que abarquemos toda a riqueza de uma obra que se quer livre de definições estanques e paralizadoras. Aliás, paralização é uma palavra que não tem lugar no dicionário deste artista, pois ao percorrer a sua obra ficamos cientes de que mesmo a quietude exigida pela pintura tem força para mover e derrubar paredes de betão. Luis Paulo Costa, mais do que separar, estabelece ligações.

Conclusão

Ora, este modo de proceder em relação à pintura, que por um lado a coloca em primeiro plano, mas que por outro nunca a deixa assumir por completo as rédeas do jogo, faz com que a obra de Luís Paulo Costa se encontre num permanente estado de vai-vem, como se de um *Fly Ring* se tratasse; neste sentido, a Figura 3 pode servir como uma meta-representação do estatuto da pintura dentro do corpo de trabalho do artista.

Assim, situado numa perpétua oscilação entre o amor incondicional à pintura e a recusa de dar asas a essa pulsão, o trabalho de Luís Paulo Costa vai construindo, apresentando, fazendo e desfazendo nós de visibilidade e invisibilidade, dos quais se liberta uma certa ideia de pintura e um muito peculiar modo de exercer o ofício de pintor.

Num artigo com estas características, é mais o que fica por dizer do que o que se diz. Gostaríamos apenas de deixar uma nota sobre a fina ironia que se desprende dos textos que Luis Paulo Costa muitas vezes escreve sobre o seu trabalho. Mas esta discussão terá que ficar para uma próxima oportunidade.

Referências

- Costa, Luis Paulo, *Errata Para um Press Release Aparentemente Ausente*. [Consult. 20131107]. Disponível em http://www.galeriapedrooliveira.com/archive/artists/luis_paulo_costa/pressrelease%20it%20can%20be.pdf
- Costa, Luis Paulo, *Uma e Outra Vez*. [Consult. 20131107]. Disponível em http://www.galeriapedrooliveira.com/press/Press_luis_paulo_costa_2012_PT.pdf
- Nicolau, Ricardo (2006), *Tudo à Vista*. [Consult. 20131114]. Disponível em <http://www.cristinaguerra.com/artist.exhibition.php?artistID=6>
- Mendes, Carla Utra (2012), *Quando a Pintura Quebra o Protocolo*. [Consult. 20131118]. Disponível em <http://www.cristinaguerra.com/artist.exhibition.php?artistID=6>
- Virilio, Paul, (1994). *The Vision Machin*. Indiana University Press: Bloomington, USA